

**PROCESSOS ENUNCIATIVOS NO CONTATO PORTUGUÊS BRASILEIRO –
ESPANHOL. EXPERIMENTAÇÃO SOBRE AS MODALIZAÇÕES DE
POSSIBILIDADE E CERTEZA**

ADRIÁN PABLO FANJUL
(USP)

ABSTRACT

This paper aims at describing different tendencies for possibility and certainty modalizations in Argentinean and Brazilian discursivities as observed in linguistic contact. We analyzed productions of a sample of Argentineans studying to become teachers of Portuguese in their own country and Brazilians studying to become teachers of Spanish in Brazil. The discursive practice consisted of the paraphrastic reformulation of identical units belonging to the same texts in both languages. Considering that discursivity orients the selection of what is and is not said in the enunciative processes, the discursive tendencies of one national group should be observed in the linguistic materiality of the other. The methodology consisted of the description, classification and quantification of different enunciative parameters, such as mood, aspect and classification of lexical unit variables. The results show that the differentiation of possibility and certainty in enunciative processes, when not oriented by generic restrictions, has different tendencies in each discursivity. Considering the enunciative processes as the selection of units in the discursive action in the foreign language, infrequent combinations and an incomplete historical differentiation between both linguistic bases were observed.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, temos dois propósitos. O primeiro é uma descrição de como enxergamos o funcionamento discursivo no contato português – espanhol, especificamente entre algumas de suas variedades na América do Sul. Assim, tentamos deslocar a observação do contraste léxico – gramatical, dimensão que não deixamos de levar em conta como restrição que opera sobre a discursividade.

Dentre os múltiplos objetos que poderíamos escolher quanto ao funcionamento discursivo, selecionamos, para este trabalho, um parâmetro enunciativo (Kerbrat Orecchioni, 1986) que vem sendo, desde há quatro anos, um dos objetos da nossa pesquisa sobre discursividades comparadas. Trata-se das modalizações de possibilidade e certeza, e dessa problemática enunciativa surge nosso segundo objetivo: demonstrar, mediante os resultados de uma pesquisa experimental, que as discursividades brasileira e argentina apresentam tendências diferentes para a explicitação dos graus desse *continuum* modal. O alcance que damos às denominações de discursividades “argentina” e “brasileira” fica restringido aos setores urbanos médios e cultos que são objeto da nossa pesquisa, realizada, como veremos, sobre estudantes universitários de São Paulo e de Buenos Aires.

No primeiro ponto do trabalho, revisamos algumas articulações teóricas entre língua, discurso e enunciação, à luz da problemática do contato entre duas línguas, em particular do português brasileiro e o espanhol. No segundo item, fundamentamos a pertinência da análise de tendências enunciativas para comparar as discursividades e explicamos as características da prática discursiva escolhida para a geração do corpus. No terceiro ponto, explicamos a experimentação realizada, as variáveis que a partir dela determinamos, e expomos os índices obtidos. Na quarta seção, avaliamos os resultados e, na última, apresentamos conclusões.

1. BASE LINGÜÍSTICA, PROCESSOS ENUNCIATIVOS E PROCESSOS DISCURSIVOS EM LÍNGUAS EM CONTATO

A análise de práticas de reformulação parafrástica (Fuchs, 1982a e 1982b) efetuadas por estudantes de língua estrangeira, análise que desenvolvemos desde 1997 comparando aprendizes hispano-falantes de português e aprendizes brasileiros de espanhol, foi nos mostrando a necessidade de considerar uma dimensão interdiscursiva para a interpretação das regularidades encontradas nessas práticas. Essa necessidade nos aproximou de reflexões da chamada linha francesa da Análise do Discurso, corrente que, no entanto, nas suas formulações clássicas, não se questionou sobre o contato entre línguas diferentes, e cujos pressupostos devem ser, em conseqüência, revisitados e reconsiderados em função dessa perspectiva. Não assumimos plenamente a concepção da subjetividade na linguagem que predomina nessa corrente de pensamento, mas consideramos muito produtiva a articulação desenvolvida por esses pesquisadores entre língua e discurso; especificamente, as relações entre base lingüística, processos enunciativos e processos discursivos, segundo explicamos a seguir.

Em um dos seus últimos escritos, Pêcheux (1997:313) deixa uma série de interrogações que podem ser um adequado ponto de partida para esta reflexão:

O que faz com que textos e seqüências orais venham, em tal momento preciso, entrecruzar-se, reunir-se ou dissociar-se? Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e dissociações, *o espaço de memória* de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e de contradições? Como tal *corpo interdiscursivo de traços* se inscreve através de uma língua, isto é, não somente por ela, mas também nela? (grifado no original)

Consideremos primeiro esse “uma língua” na sua acepção mais indefinida, uma língua e não uma outra coisa, lembrando que, para Pêcheux e em geral para a AD francesa, a língua é caracterizada como “base invariante” sobre a qual se justapõem os processos discursivos (Pêcheux e Fuchs, 1997). O vínculo, para os mesmos autores, entre a base lingüística e os processos discursivos, são os processos de enunciação, definidos por eles como seleções do dito e do não dito. A enunciação e as marcas relacionadas a ela são valorizadas como um “ponto central” para a análise, que traz conseqüências para a “concepção da língua”: o léxico será considerado um conjunto estruturado de elementos articulados sobre a sintaxe, que é “o modo de organização (próprio a uma determinada língua) dos traços das referências enunciativas” (pág. 176).

Note-se que, neste “uma determinada língua”, aquele sintagma “uma língua” do texto de Pêcheux anteriormente mencionado já não pode ser visto como “(é) uma língua, não uma outra coisa”; isto é, já não está referido a “a língua” senão às línguas, a alguma delas; deslocamento nada freqüente na AD francesa, mas fundamental para quem se propõe a confrontar aspectos da discursividade em duas “línguas determinadas”. Ainda podemos ver, no parêntese de Pêcheux e Fuchs “(próprio a uma determinada língua)”, um grau de “determinação” menor ao que necessitamos. Com efeito, o que eles estão fazendo é explicar a relação que encontram entre base lingüística e processos enunciativos, articulando esses últimos com o léxico e a sintaxe, e, conseqüentemente, há aí a referência a um modo de articulação próprio em cada língua. Mas o assunto continua sendo, para eles, “a língua” e “o discurso” em geral, a polêmica é contra outras articulações teóricas de ambos os domínios, e não requer a problematização de como cada “(já) determinada língua” se “determinou”.

Para um trabalho sobre contato entre duas línguas, mesmo sabendo que elas têm diferentes sintaxes que “organizam os traços das referências enunciativas”, é pertinente apontar que não é essa diferença o que faz que existam como duas línguas, no nosso caso, “espanhol” e “português”. A determinação de uma língua como distinta das outras, seu fechamento sob um nome como começo de sua standardização, é um ato político, sustentado em representações sociais de identidade cultural, nacional, étnica etc., representações que por sua vez reforça e reproduz. Ato de violência simbólica (Bourdieu e Passeron, 1992) efetuado de lugares de poder, o contato entre os espaços que separa pode afirmá-lo ou questioná-lo. Esse contato só pode se verificar entre “discursos empíricos”, “superfícies lingüísticas”, se utilizarmos as denominações de Pêcheux e Fuchs. Sobre esses discursos, pesa a percepção do que já foi institucionalizado como “duas línguas”, embora os processos discursivos se entrelacem através deles. O contato atualiza, em cada espaço “próprio”, a alteridade que os atos político – lingüísticos foram opacificando. E no uso que cada grupo faz da língua “alheia”, a própria materialidade lingüística se vê questionada como a de “uma (e não outra) língua”.

Consideraríamos, então, em um trabalho sobre a discursividade no contato português-espanhol, que os processos discursivos se desenvolvem sobre uma única “base lingüística invariante”? Não cremos que seja essa uma solução pertinente, porque os múltiplos atos políticos de diferenciação e standardização dos dois idiomas, bem como a vida das populações em nações diferentes, já tiveram suficiente eficácia e têm acumulado e ajudado a desenvolver, durante séculos, inúmeras diferenças lexicais e sintáticas. Não negamos a diferença entre as “bases lingüísticas”, mas tentamos relocalizá-las em função do estudo da discursividade no contato. Propomos, como base do contato, sobre a qual se desenvolvem os processos discursivos que analisamos, uma materialidade complexa, que contém duas invariantes cuja diferenciação é, por razões históricas, inacabada, e nela se desenvolvem os processos enunciativos.

Essa materialidade não deve ser confundida com o que nas teorias da aquisição se chama interlíngua, o sistema instável que o aprendiz vai desenvolvendo à medida que avança sua aquisição da língua estrangeira. A interlíngua é um fenômeno cognitivo e individual, que pode mudar dia após dia em cada aprendiz. Com a “base lingüística” que propomos, tentamos explicar sobre qual materialidade, exterior aos sujeitos

empíricos, se realizam os processos discursivos no contato lingüístico-cultural. Resulta da dupla necessidade de reconhecer o invariante da base lingüística em relação à heterogeneidade do discurso e de diferenciar essa base de outras em que o discurso não acontece entre falantes de línguas diferentes. Por outro lado, cada invariante da materialidade tem seu modelo em cada idioma, o que impede identificá-la com outras materialidades resultantes do contato, como os “pidgins”, dadas as características deste contato lingüístico-cultural: idiomas plenamente estandardizados, contextos institucionais de aprendizagem, etc.

Decidimos centrar nossa pesquisa no lugar onde a base lingüística e os processos discursivos se entrelaçam produtivamente: os processos de enunciação, em especial alguns de seus mecanismos, e a isso nos referimos no ponto seguinte.

2. AS TENDÊNCIAS ENUNCIATIVAS NA REFORMULAÇÃO PARAFRÁSTICA COMO CAMPO DE REFLEXÃO SOBRE A DISCURSIVIDADE

Na seleção de formas pessoais, modais, aspectuais, bem como de qualquer realização para os muitos parâmetros que inscrevem a subjetividade na linguagem (Kerbrat Orecchioni, 1986), há seleções do dito e do não dito. Os sujeitos da nossa pesquisa, postos diante do pedido de reformular um segmento de um texto dado, produzem seleções diferentes. Há diferenças entre os grupos nacionais e dentro deles, e elas indicam posicionamentos diferentes em relação à historicidade do interdiscurso. Segundo Pêcheux, 1990:289:

La condition essentielle de la production et de l'interprétation d'une séquence n'est pas inscriptible dans la sphère individuelle du sujet psychologique: elle réside en fait dans l'existence d'un corpus socio-historique de traces discursives constituant l'espace de mémoire de la séquence. Le terme d' interdiscours caractérise ce corps de traces comme matérialité discursive, extérieure et antérieure à l'existence d'une séquence donnée, dans la mesure où cette matérialité intervient pour la constituer. Le non-dit de la séquence n'est donc pas reconstituable sur la base d'opérations logiques internes, il renvoie ici à du déjà dit, du dit ailleurs (grifo no original).

Encontrando regularidades que diferenciem os dois grupos lingüístico – nacionais de nossa amostra, para as seleções enunciativas produzidas na reformulação da mesma unidade, podemos descobrir, neles, tendências predominantes para a realização de um parâmetro da estruturação enunciativa. Como operar com uma categoria dessa ordem? Em primeiro lugar, pode ser efetivamente uma variável, quando não existem restrições do gênero do discurso que a orientem de forma regrada. Em segundo lugar, já como exigência de rigor metodológico, deve traduzir-se, para cada aplicação, em indicadores bem delimitados e diferenciados do que poderia ser ocasionado por restrições sintáticas. Para que operar com categorias dessa ordem? Porque articulando-as na observação e análise de enunciados podemos determinar regularidades da ordem da discursividade.

Com efeito, cremos que há uma estreita relação entre as configurações enunciativas¹ e o sentido.

Lembremos a respeito que os processos enunciativos encontram organicidade na sintaxe, mas que não são uma “forma” que pode preencher-se de “conteúdos” diversos. A combinação de unidades léxicas com variações aspectuais, modais, encenação de personagens, embreagem de interlocutores, é *ela mesma* investidora de sentido. O estudo de regularidades em diferentes parâmetros da configuração enunciativa de diversos enunciados não é um estudo apenas da forma lingüística, senão da discursividade.

Nosso corpus, como já comentamos, está composto por reformulações realizadas por alunos brasileiros de E/LE (espanhol como língua estrangeira), em São Paulo, e alunos argentinos de P/LE (português como língua estrangeira), em Buenos Aires. Ambos os grupos reformulam as mesmas unidades dos mesmos textos, sendo sempre uma reformulação intralingual: as frases em espanhol são reformuladas em espanhol, e as frases em português, em português. Quer dizer, houve quatro sub-amostras:

Argentinos trabalhando em espanhol / Argentinos trabalhando em português
Brasileiros trabalhando em espanhol / Brasileiros trabalhando em português.

Quanto às características da reformulação parafrástica como prática discursiva, lembremos que, para Fuchs (1982a:150-152), o julgamento parafrástico, que faz com que um falante identifique o semantismo de uma seqüência X com o de uma seqüência Y produzida por ele mesmo, baseia-se na redução de semantismos² de ambas as unidades. Nessa redução, e mais ainda se reduções similares se apresentam com regularidade em determinado grupo social, devemos considerar que participam determinações socioculturais.

¹ Kerbrat Orecchioni (1986:218) utiliza o termo “modalidades enunciativas” para referir-se a determinadas combinações de marcas lingüísticas que inscrevem a subjetividade na linguagem. Em outra parte do livro (42) usa a expressão “*modalidades de existencia de lo que con Benveniste llamaremos 'la subjetividad en el lenguaje'*”. Os termos “*parâmetros enunciativos*” e “*parâmetros lexológicos*”, dos quais se utiliza repetidas vezes, não equivalem ao anterior porque se referem a alguma ordem determinada de procedimentos. Manter o termo “modalidade enunciativa” para nos referirmos a uma combinação determinada de diferentes parâmetros, traz o risco de confusão com categorias da modalidade, que é um tipo determinado de marcas da enunciação. Preferimos, então, usar “modo de enunciar” (Serrani, 2001:40, e com mais descrição em 48-49) ou “configuração enunciativa”.

² O “semantismo” de uma unidade é o termo utilizado por Fuchs para dar conta de todos os aspectos da significação envolvidos na interpretação que podem fazer com que um sujeito estabeleça um “julgamento de identificação semântica” entre unidades. O termo tem uma dupla vantagem: não atribui a possibilidade de paráfrase a uma característica intrínseca das unidades, mas a um julgamento do enunciador, e é o suficientemente amplo para abranger diferentes níveis de interpretação em que se produz a “identificação semântica”, dos mais literais aos mais livremente interpretativos.

3. A EXPERIMENTAÇÃO REALIZADA EM TORNO DAS MODALIZAÇÕES DE POSSIBILIDADE E CERTEZA

Decidimos trabalhar nos espaços de formação de professores de português, em Buenos Aires, e de espanhol, em São Paulo; isto é, no ensino superior. Procuramos, em cada país, uma amostra de alunos que estivessem nos segundo e terceiro ano da formação de graduação na respectiva língua estrangeira, realizando 38 casos em cada cidade. Neste artigo, daremos conta de alguns dos resultados atingidos com essa amostra.

Em uma das experimentações, demos aos respondentes um texto da ANATEL, empresa do governo brasileiro que regula as telecomunicações. Essa propaganda gráfica, de 1999, estava direcionada a tranquilizar a população em relação ao “bug do milênio”. Ela foi apresentada integralmente aos alunos. Um dos seus fragmentos era o seguinte:

Fique sossegado: o governo já tomou providências para evitar que isso afete a vida dos brasileiros. Em todos os seus órgãos, ministérios, secretarias e empresas, centenas de técnicos e especialistas no País inteiro já ajustaram e corrigiram sistemas, e fizeram testes e mais testes para ter certeza de que está tudo certo.

Apresentamos sublinhadas as unidades “ter certeza” e “está tudo certo”, e demos aos sujeitos da pesquisa a seguinte indicação: “Dê, para cada unidade sublinhada, equivalências que possam funcionar, no mesmo contexto, com sentido similar”³.

Outra das experimentações foi feita a partir de um texto em espanhol, propaganda da Microsoft para prevenir a compra de equipamentos “piratas”, que também foi lido integralmente pelos respondentes. A propaganda mostrava, no centro da página e como slogan, a frase *Asegúrese que sea legal*, que apresentamos sublinhada, com a mesma indicação, que o já mencionamos, de dar “equivalências”.

Com outro texto em espanhol, propaganda da empresa SOCMA, um dos principais grupos econômicos da Argentina, demos outro tipo de indicação de reformulação. O texto era um paralelismo de três frases: *El esfuerzo del pasado. La solidez del presente. La confianza en el futuro*. Nesse caso, pedimos aos respondentes o seguinte: *Haga un párrafo de no más de tres líneas que explique este texto, manteniendo las menciones a los tres tiempos (pasado, presente, futuro)*. Dado o recorte temático que nos propomos para este artigo, só trataremos aqui, quanto à análise das explicações obtidas, do que se refere à certeza e à possibilidade na retomada, na reformulação, da idéia de *confianza*.

3.1 Resultados obtidos

Diferenciamos duas tendências nas reformulações que os sujeitos produziram para *asegúrese*: uma que chamaremos de “foco no processo” e outra de “foco no resultado”. A primeira inclui, dentre as que apareceram, as formas “verifique”, “fijese” / “fijáte”,

³ Esclarecemos que o fato de pedirmos para os estudantes uma “equivalência” não significa que acreditemos que é isso o que eles vão produzir. Usamos, nas indicações para os alunos, esse termo porque é corriqueiro nas aulas de língua estrangeira na hora de treinar habilidades sem se utilizar da tradução. Tínhamos de dar alguma indicação clara, a mesma para todos, e que não evidenciasse o alvo da pesquisa.

“cerciórese”, “corrobore”, “asesórese”, “mire”, “vea”, “cuide”, “confire”, “comprueba”, “procure”, “confirma”, “controle”, “tomá la precaución”. A segunda, as formas “tenga (la) certeza”, “esté seguro”, “esté cierto”, “tenga certidumbre”.

Diferenciamos-las porque acreditamos que existe uma diferença de valor aspectual entre, por um lado, formas como “ter certeza”, “estar certo”, e, por outro, formas tais como “assegurar-se”, “verificar”, “certificar”, etc. No primeiro tipo de formas, a certeza já foi atingida, enquanto que as do segundo tipo descrevem o processo de adquirir essa certeza. Consideramos aqui a seguinte definição de Almeida (1980: 42) para “aspecto”:

Categoria verbal que se define, numa oposição fundamental à categoria do tempo e à do modo, por uma visão do processo com o caráter conclusivo ou inconclusivo, distribuído por noções subsidiárias não-temporais de fase ou de extensão.

Dentre os aspectos “de fase”, o autor distingue três possibilidades: inceptivo, cursivo e terminativo, segundo o momento do processo que é focado no enunciado. “Ter certeza”, “estar seguro”, apresenta um aspecto *terminativo* frente ao aspecto *cursivo* de “assegurar-se”. Quando essas formas são enunciadas no imperativo, a diferença aspectual se neutraliza parcialmente, dado que o imperativo implica não realização (se pedimos algo é porque ainda não está realizado), e então “tenha certeza” / “esteja certo” (ou em espanhol *tenga certeza, esté seguro*) podem funcionar no lugar de “assegure-se”. Porém, como seleção enunciativa, a diferença não é inócua. Ao “optarmos” por *tenga certeza*, estamos focalizando o resultado que esperamos, enxergando daqui a certeza já imaginariamente (como cena) obtida. Mas, ao “optarmos” pelas variantes do tipo “certifiquese”, “verifique”, “corrobore”, enfocamos o processo. Quer dizer, a diferença aspectual se neutraliza exclusivamente no que tem em comum com o valor modal, quer dizer, na referência à realização da certeza, mas ela subsiste na cena enunciativa prospectivamente construída. Por isso, cremos pertinente levar em conta o que aconteceu nas amostras diante dessa seleção, possível nas duas línguas, já que como explicamos em 4, *infra*, nenhuma das combinações obtidas resulta agramatical em nenhuma das duas línguas:

Tabela 1. Reformulações de *Asegúrese que sea legal*
(Alguns respondentes apresentaram mais de uma opção, as cifras indicam em quantos casos se manifestou cada uma das opções)

	Argentinos (37 casos)	Brasileiros (37 casos)
Foco no processo (aspecto cursivo)	34 casos – 91,89%	14 casos – 37,84%
Foco no resultado (aspecto terminativo)	1 caso - 2,70%	21 casos – 56,76%

Além disso, 7 dos 20 brasileiros que focalizaram o resultado trocaram o subjuntivo *sea* da frase pelo indicativo *es* (*tenga certeza de que es legal, esté cierto de que es auténtico*, etc.).

Quanto a “Ter certeza”, aplicando a mesma oposição aspectual, resultaram os seguintes índices (vários deram mais de uma opção, e contabilizamos para cada aspecto

os casos em que apareceu algum termo que o representasse, por isso o total supera 100%):

Tabela 2. Reformulações de “Ter certeza”

	Argentinos	Brasileiros
Foco no processo (aspecto cursivo)	12 casos – 31,58%	25 casos – 65,79%
Foco no resultado (aspecto terminativo)	31 casos - 81,58%	15 casos – 39,47%

Além disso, em 7 casos de argentinos e somente em 1 de brasileiros aparecem formas que fogem da modalização certeza/dúvida para uma perspectiva de conhecimento: “saber”, “ter razão” e “estar cientes”⁴.

Por outra parte, para as reformulações de “Está tudo certo”, a palavra “bem” foi a mais freqüente em ambos os países para retomar “certo”, muitas vezes reformulada depois, pelo mesmo respondente, com formas como “correto”, “em ordem” e “sob controle”/“controlado”. Nas produções para este item tentamos analisar essas reformulações dentro da mesma resposta. Explicamos a seguir os passos dados nesse sentido:

1º. Diferenciamos os casos em que somente se produziram reformulações pela negativa (como “nada está errado”, “não há problemas” etc.), já que neles não havia uma forma que retomasse diretamente “certo”. Houve 9 casos desse tipo na amostra argentina e 10 na brasileira. Restam, então 29 casos de argentinos e 28 de brasileiros em que houve algum tipo de retomada afirmativa para “certo”.

2º. Sobre esses novos totais, calculamos os casos de aparição de “correto”, “em ordem” e “sob controle”/“controlado”. As percentagens são sobre esses totais e as cifras correspondem à quantidade de casos em que apareceu cada item. Como já dissemos, houve muitos casos com várias opções, por isso, a soma das percentagens é superior a 100%:

Tabela 3: Retomadas de “certo”

	Argentinos (29 casos)	Brasileiros (28 casos)
Correto / corretamente	11 casos – 37,93%	4 casos – 14,28%
Em ordem	7 casos – 24,13%	3 casos – 10,71%
Sob controle	1 caso – 3,45%	4 casos – 14,28%
Bem / OK	17 casos – 58,62%	16 casos – 57,14%
Outros	3 casos – 10,34%	4 casos – 14,28%

3º. Descrevemos as reformulações internas, isto é, dentro de um mesmo caso, com o objetivo de analisar as relações semânticas mais constantes para “correto”, “em

⁴ Ducrot (1977:280-281) explica que “saber” pressupõe “verdade” e que isso o diferencia de “ter certeza”.

ordem” e “sob controle”/“controlado”. Apresentamos, na relação a seguir, as seqüências em que houve reformulação interna desses itens. As fórmulas à esquerda indicam o número de caso, sendo “A” argentino e “B” brasileiro:

A001: bem / correto / normal

A003: OK / em ordem

A004: bem / correto

A008: correto / controlado

A018: em ordem / correto

A021: correto / em ordem

A023: bem / em ordem

A034: bem / em ordem

A039: correto / em ordem

B007: OK / tranqüilo

B009: nada errado / correto

B031: em ordem / sob controle

4º. Formamos uma escala segundo os critérios a seguir:

Em primeiro lugar, pensamos que o fato de esses itens aparecerem nas duas amostras, como mostra a Tabela 3, evidencia que em ambas são considerados como possíveis equivalências de “certo” no contexto dado. E que sua alternância nas reformulações internas que vemos em cima, evidencia também que os respondentes vêem, entre eles, diferenças de matiz. A respeito, partindo do pressuposto de que este tipo de reformulação tem um caráter explicativo (Fuchs, 1994), consideramos que o item à direita nas seqüências que apresentamos em cima é enunciado como uma versão mais precisa do item à esquerda. A observação dessas seqüências mostra que, com exceção do caso A018, uma escala do menos ao mais explicativo poderia ter a seguinte ordem, em quatro graus:

1. Bem – OK >> 2. correto – corretamente >> 3. em ordem >> 4. sob controle - controlado

Há traços semânticos dos itens que produzem, nessa escala, algumas rupturas e desproporções que convém considerarmos. Partamos, para isso, do objeto ao qual se aplica essa escala de atribuições: “tudo”. Uma totalidade que foi observada pelo enunciador, e da qual é apresentada uma avaliação que pretende ser descritiva.

Cremos que “em ordem”, devido à noção espacial e visual que potencialmente contém, é claramente mais descritiva do que “bem”/“OK”. Com efeito, “em ordem” descreve o estado estrutural de “tudo”. Vemos “correto” como um ponto intermédio entre ambas, porque mesmo sendo, como “bem”, no seu funcionamento, um simples julgamento positivo, aproxima-se de uma descrição de estado pela sua relação com “reto” e com “corrigir”. Não é igual a “corrigido”, mas conserva a significação de “adequado a uma linha”, adequação que pressupõe constatada e que com ele se enuncia.

É o quarto item, “sob controle” / “controlado”, que apresenta mais dificuldades para ser colocado nessa escala. Ele não descreve o estado estrutural ou interno de “tudo”, nem sequer sua aparência: introduz uma entidade exterior que controla. Descreve a relação desse “tudo” com uma outra instância: no contexto da propaganda da ANATEL, os técnicos que fazem “testes e mais testes”, ou a própria ANATEL, para a qual esses técnicos trabalham. Certamente, “sob controle” é mais descritivo que “bem”, mas ele descreve dessa maneira diferente dos outros dois pontos da “escala”: a posição de “tudo” em relação a algo exterior que controla, isto é, ele não realiza uma descrição de “tudo” do ponto de vista do enunciador.

Em síntese, vemos “correto” e “em ordem” como graus de uma crescente descrição de “certo” no contexto da propaganda da ANATEL, e a partir disso analisaremos, no ponto seguinte, sua maior aparição na amostra argentina.

Resta nos referirmos às reformulações de *la confianza en el futuro*. Nem todos os respondentes reformularam *confianza*. Muitos a mantiveram nas respostas, ou mantiveram sua base léxica em unidades como *confiar*, *confiable* ou *confiabilidad*. Encontramos 21 argentinos e 17 brasileiros em que uma parte da reformulação se refere nitidamente a “confiança” com outras palavras. Dos 17 brasileiros, 11 reformularam com unidades que expressam certeza (“seguridad”, “saber”, “certitude”, “no preocupación”, “garantía”, “tranquilidad”). Nos argentinos, isso aconteceu somente em 7 dos 21 casos (33,33%). O resto, em cada amostra, retomou *confianza* com palavras que expressam “possibilidade” (“esperanza”, “fe”, “creencia”, “credibilidad”, “sueños”, “promisorio”, “visión positiva”, “construcción”). Resumindo:

Tabela 4 Possibilidade e certeza nas reformulações de *confianza*

	Argentinos (21 casos)	Brasileiros (17 casos)
Possibilidade	66,67 % - 14 casos	35,29 % - 6 casos
Certeza	33,33 % - 7 casos	64,70 % - 11 casos

Apresentados os resultados nesta seção, na seguinte procedemos a sua avaliação em relação com os objetivos propostos na Introdução.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS. PROCESSOS DISCURSIVOS E MATERNIDADE LINGÜÍSTICA

Começamos pelo valor aspectual de que nos utilizamos para a análise das reformulações de *asegúrese* (Tabela 1) e de “ter certeza” (Tabela 2).

Já dissemos que, em *asegúrese*, o valor aspectual do “original” era cursivo, o “foco no processo”. E qual era o de “ter certeza” no texto em português? Se observarmos novamente o trecho da propaganda da ANATEL transcrito em 3, acima, percebemos que, quanto à diferenciação entre processo e resultado, “ter certeza” está num ponto intermediário, porque se enuncia como resultado/propósito dos “testes e mais testes” e também como processo para assegurar-se do que segue, “está tudo certo”

(de fato, esse “ter certeza” é perfeitamente substituível, no contexto, por “assegurar-se”).

Os argentinos, diante do “ter certeza” explícito, atribuem menos esse valor cursivo processual que a frase original sugere, e que a maioria dos brasileiros interpretaram. Então, os argentinos lhe dão esse valor terminativo que surge da sua literalidade. E os brasileiros usaram muito ali “assegurar-se”, o mesmo termo que, em espanhol, os levou majoritariamente a *tenha certeza* e similares.

Tenga certeza/seguridad de que sea legal e “Tenha certeza/esteja certo/esteja seguro de que seja legal/legítimo”, isto é, a estrutura mais usada por nossos respondentes brasileiros e seu “calco” em PB, põem em consideração o problema de sua gramaticalidade, precisamente pelo “estranhas” que soaram para todos os nativos de ambas as línguas que consultamos, incluindo os professores nativos. No entanto, há vários motivos para não considerá-las agramaticais. O primeiro é que basta acrescentar a elas como antecedente uma temporal de futuro para que o “soar estranho” resulte moderado:

Cuando vaya a comprar una computadora, tenga certeza/seguridad de que sea legal

“Quando for comprar um computador, tenha certeza/esteja certo / esteja seguro de que (ele) seja legal/legítimo”

O segundo motivo para não considerá-las agramaticais é que, como mostra a própria frase original (*Asegúrese que sea legal*), nada impede que um imperativo tenha como objeto uma oração subordinada cujo verbo esteja no subjuntivo. O que aqui produz a dissonância é, como já vimos, o aspecto terminativo fornecido por “tenha”/tenga e “esteja”/esté.

E resultou interessante encontrar, nas consultas que fizemos, que, diante da “estranheza” que as duas frases produziam, a “correção” que nossos consultados faziam variava segundo qual fosse sua língua materna. Os hispano-falantes rio-pratenses, inclusive os professores, “endireitavam” o aspecto terminativo do verbo principal, afirmando que isso *debería decirse* com formas como *fjese que sea legal*, *cerciórese que sea legal*, *compruebe que sea legal*, *asegúrese que sea legal* etc. Os brasileiros “corrigiam” o modo subjuntivo de “seja”, substituindo-o pelo indicativo “é” e oferecendo possibilidades como “esteja seguro/certo de que (ele) é legal/legítimo”, ou “tenha certeza de que é...”. Com respeito a essa mudança de modo, os hispano-falantes diziam, também, que as formas com indicativo *esté seguro que es legal*, *tenga seguridad que es legal* significariam algo diferente: que alguém quer convencer outro de que uma determinada coisa é “legal” e, para tanto, dá fé disso. Essa possibilidade também não foi rejeitada pelos brasileiros, quando especificamente perguntada, mas o que queremos mostrar é que em cada grupo nacional/lingüístico as correções eram feitas sobre uma modulação diferente da expressão: os argentinos repunham um aspecto cursivo, os brasileiros, mantinham o terminativo e restavam o valor prospectivo de “seja”. Não damos essa informação adicional como “corpus”, simplesmente cremos que ajuda a compreender como cada um dos grupos nacionais do corpus que efetivamente analisamos chegou a produzir as formulações que realizou, e a caracterizar as tendências que induziram essa produção.

Dentre as respostas para *asegúrese*, houve 7 casos (20,59%) de brasileiros que, como mencionamos em 3.1, supra, modificaram o subjuntivo *sea* de *asegúrese que sea legal* por formas do indicativo como *es*. As formas resultantes, como *tenga certeza de que es oficial/original* ou *tenga certidumbre de que es legal* resultam, do ponto de vista da outra discursividade, um “equivoco” ilocutório. Com efeito, e como já dissemos, cremos que a primeira interpretação que um falante nativo de espanhol faria delas seria a de um pedido para o interlocutor acreditar na legalidade do produto afirmada pelo locutor (algo como *no dude de que esto es legal; no desconfie*) e não, como no texto a reformular, um pedido de que o interlocutor verifique essa legalidade.

Há também um “extremo” na amostra argentina. Como já descrevemos também em 3.1, sete dos respondentes argentinos deram, para “ter certeza”, como reformulação, formas do tipo “saber”, que enfraquecem, se não cancelam, a modalização “certeza/dúvida”.

Cremos que esses dois extremos, vistos precisamente como o mais desenvolvido de uma manifestação que alcançou proporções muito maiores, indicam, cada um deles, uma tendência diferente. Nos respondentes brasileiros, a *representar* (não a acreditar ou perceber, é claro!) a certeza/possibilidade de um modo mais laxo. Nos respondentes argentinos, a *não fazer interagir na representação* os matizes da certeza e seu processo, ao ponto de identificá-la, em um extremo, com um “saber”.

O que foi que levou os respondentes argentinos a selecionarem majoritariamente o “resultado” em “ter certeza”? Cabe, para tentar uma explicação, voltar a nos referir ao item deflagrador. Já dissemos que, no fio do discurso, ele tem os dois valores. Mas como unidade isolada, no seu significado “extradiscursivo” (Lopes, 1978: 73-80), ele tem um valor exclusivamente resultativo. Cremos que esse isolamento do significado extradiscursivo é, também, uma seleção enunciativa, operada pela discursividade. A coerência no comportamento oposto dos respondentes argentinos na reformulação de cada um dos itens nos parece dada por uma discursividade que procura a maior diferenciação *enunciativa* possível entre o considerado fatural e o considerado não fatural e, por isso, segue, em cada um destes casos, o valor aspectual mais literal do item a ser reformulado, dando como resultado formulações opostas para cada item. Nas respostas dos brasileiros, essa diferenciação aparece como muito mais flexível nas seleções enunciativas. Assim, um item como *asegúrese*, expressando uma expectativa positiva, pode levar a uma construção que *representa* (mesmo que não afirme) a certeza como “obtida”. E, por outra parte, “ter certeza”, é matizado, na interpretação, além da sua literalidade.

Enfim, esses índices dão uma primeira base para nossa proposta, de que, na discursividade brasileira, o *continuum* possibilidade – realização, propósito – certeza (aqui, aspectualizado como processo – resultado) se *representa* mais indiferenciado, e, na discursividade argentina, mais rigidamente marcado.

Devido à relativa sutileza das diferenças semânticas entre os indicadores envolvidos, apesar de os índices serem muito elevados, eles têm uma significatividade mais moderada da que teriam caso se referissem a indicadores de oposição semântica menos tênue. De qualquer modo, eles têm significação. E cremos que não é casual que esse seja o modo de a discursividade se manifestar nos processos enunciativos: quanto mais sutil mais profuso, porque assim é integrada com maior “naturalidade” no

entrelaçamento com o sistemático da base lingüística, que é, precisamente, o tido como “natural”. Ao longo da nossa pesquisa, encontramos diferenças muito menos sutis do que esta que aqui nos ocupou, mas também, e devido a isso, menos abundantes na sua manifestação. Mas, na articulação de muitas “sutilezas” como esta é que se abrem, silenciosamente, os caminhos da discursividade na língua. Quando se trata da língua outra, esse silêncio se torna, às vezes, mais audível, mas não por isso mais nítido. Temos, nestas reformulações de *asegúrese que sea legal* e de “ter certeza”, pela sutileza e profusão de seus indicadores, a oportunidade de observar, como em laboratório, um recorte desse entrelaçamento das discursividades com as bases lingüísticas “própria” e “alheia”. Por isso, antes de passarmos para a análise dos outros índices, nos deteremos, a seguir, em uma descrição, feita a partir deste caso, de como enxergamos esse “tecido”.

4.1 O efeito de sentido no “próprio” e no “alheio”

Pensamos que, melhor do que com um gráfico ou com uma tabela, os processos enunciativos podem ser representados por meio de uma figuração. Imaginemos, então, um campo sobre cuja superfície podem cair, alternadamente, feixes de luz que iluminam determinados pontos. O campo é a materialidade lingüística e a luz, a seleção operada nos processos de enunciação. Neste caso, o setor do campo é aquele que concentra as múltiplas formas que podem expressar “certeza”, com todos seus matizes modais e aspectuais. Esse foco nessa área do campo está determinado pela unidade dada para reformular. Para a análise, produzimos um ordenamento imaginário do campo em um continuum aspectual de fase, que formalizamos com a variável “foco no processo”/“foco no resultado”.

Se representássemos as “iluminações” produzidas pelas respostas de brasileiros e argentinos nesse campo diante dos dois itens propostos, teríamos o seguinte panorama. Nas reformulações de *asegúrese*, as respostas dos argentinos produziram uma forte concentração lumínica na zona de “processo” e outra, muito mais leve, na zona de “resultado”. Nessa última, estaria concentrada a maior proporção de luz das respostas dos brasileiros, que, no entanto, também cairiam, numa proporção bem menor, na zona de “processo”. Como mostram os índices, as iluminações teriam limites imprecisos, mas marcariam uma forte tendência. E o ponteiro dessa tendência seria uma zona extrema parcialmente iluminada nas respostas dos brasileiros: uma região de (-) “processo”/(+) “resultado”; isto é, de ausência total de mostraçãõ do “processo”. Ela corresponde aos sete casos que já comentamos, que utilizaram o indicativo “es”.

Em síntese, as seleções produzidas nos processos enunciativos, ao caírem sobre uma região da materialidade lingüística em que as discursividades entram em conflito, dão como resultado regularidades que, mesmo se superpondo na seleção de determinados itens, mostram tendências diferentes que, na sua expressão mais desenvolvida, podem chegar ao “equivoco”. A diferença entre ambas as discursividades se manifesta, na materialidade lingüística, não como uma oposição nítida de itens, mas como uma *freqüência maior ou menor na “escolha” dos itens disponíveis para determinada função*.

A reversibilidade do processo pode ser comprovada completando o panorama com a observação das reformulações para “ter certeza”. Voltemos, para tanto, a nossa

ilustração do campo iluminado. O primeiro que observaríamos, desta vez, seria uma maior superposição e convergência de iluminações. Como mostram as cifras da Tabela 2, houve vários respondentes que deram opções para as duas categorias que estabelecemos. Mesmo assim, há diferenças perceptíveis. As respostas dos argentinos estão muito mais concentradas na zona de “resultado” e as dos brasileiros, em uma proporção um pouco menor, na de “processo”. Há, também, uma certa iluminação de zonas extremas, desta vez nas reformulações dos argentinos: o “saber”, que se localiza em um dos limites do “campo” imaginado.

4.2 Funcionamentos de “certo”/cierto na amostra

Quanto às reformulações de “está tudo certo”, que mostramos em 3.1, supra, já explicamos que vemos “em ordem” e “correto” como mais descritivas da adequação do objeto a algo que dele se espera, a uma ordem ou a uma norma. Sua aparição é muito maior na amostra argentina, como mostra a Tabela 3 também em 3.1, e a interpretamos como resultado da necessidade de explicitar uma certeza que é resultado de uma verificação do enunciador (o que não acontece, quanto à perspectiva do enunciador, com “sob controle”). Todas as respostas pressupõem a certeza enunciada no texto da ANATEL, consequência dos “testes e mais testes” que nele se mencionam, como citamos em 3. Mas, quando essa certeza é atualizada, na reformulação, por meio de “correto” e “em ordem”, é retomado imaginariamente o ato de verificação que sustentara a certeza.

Um índice interessante para contrapor com este é o resultado que analisamos para a possibilidade e a certeza nas reformulações de *confianza* no texto em espanhol. Nesse caso, havia uma *expectativa* positiva, não uma certeza nem algo já “verificado”. Como mostra a Tabela 4, as tendências predominantes em cada amostra foram as opostas.

Em síntese, nas respostas dos argentinos para uma unidade como “está tudo certo”, que indica uma certeza já atingida, a atitude predominante é reforçar a expressão do “verificado”. Em compensação, nas suas reformulações para *confianza*, termo que, tanto no seu significado extradiscursivo quanto no texto que o inclui, aponta algo ainda não efetivado, a maioria tende a manter-se no terreno da possibilidade. Em ambos os casos, na amostra brasileira predomina a tendência oposta. A esse tipo de fenômeno é que nos referimos quando propomos que a discursividade argentina tende a uma modalização mais rígida e a discursividade brasileira, a uma mais flexível para o *continuum* possibilidade-certeza. Por sua vez, em ambas as amostras aparece também, minoritariamente, a outra tendência. Isso nos lembra que, como *também* pressupomos ao dizermos “predomina”, ambas as atitudes estão disponíveis nos dois espaços lingüístico – culturais.

5. CONCLUSÕES

Quanto às modalizações de possibilidade e certeza, observamos na discursividade dos argentinos uma tendência à diferenciação rígida entre aquilo que se enuncia como verificado e aquilo apresentado como provável. A partir dela, a possibilidade ou a

certeza se enunciam, se interpretam e se reproduzem como dimensões afastadas. Na discursividade dos brasileiros, observamos uma tendência a moderar essas oposições.

Quanto ao funcionamento da discursividade sobre a materialidade lingüística no contato, observamos que:

a) Os processos enunciativos, ao operarem sobre cada invariante da base lingüística no contato, produzem seleções (do dito/não dito) orientadas pela discursividade enunciativa. As diferenças de seleção entre ambas as discursividades têm graus de regularidade observáveis na experimentação e na análise.

b) Essas regularidades revelam, na invariante alheia, combinações infrequentes do ponto de vista da discursividade outra, que podem chegar, sempre para a outra discursividade, ao equívoco ou ao sem-sentido como indicador da tendência.

c) No contato, as bases lingüísticas do português e do espanhol, como efeito das tendências da discursividade outra, mostram reordenamentos de suas combinações frequentes ou “próprias”, evidenciando assim o que os processos discursivos historicamente sedimentaram nelas e o que poderiam ter sedimentado. Essa evidência é também a do inacabamento da diferenciação entre as bases e a da necessidade de considerar sua proximidade – distância na remissão ao interdiscurso.

d) Os sistemas lingüísticos politicamente estandardizados como “Português Brasileiro” e “Espanhol” (construtos político-lingüísticos) intervêm, nesse processo, como aparelhos de referência das tensões de identidade/alteridade que nele se produzem, ora evidenciando-as, ora ocultando-as devido ao que neles é percebido como semelhante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João. (1980). *Introdução ao estudo das perifrases verbais de infinitivo*. Assis: UNESP, Edições do ILHPA.
- BOURDIEU, P., e Passeron, J. C. (1992). *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves.
- DUCROT, Oswald. (1977). *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- FUCHS, Catherine. (1982a). *La paraphrase*. Paris: Ed. Presses Universitaires de France.
- _____. (1982b). La paraphrase entre la langue et le discours. *Langue Française* 53. pp. 22-33.
- _____. (1994). La reformulation en discours: une pratique langagière. Em: *Paraphrase et énonciation*. Paris: Ed. OPHRYS. pp.3-39.
- GADET, F., e Hak, T. (comp.). (1997). *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- KERBRAT ORECCHIONI, C. (1986). *La enunciación. De la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Ed. Hachette.
- LOPES, Edward. (1978). *Discurso, texto e significação. Uma teoria do interpretante*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- PÊCHEUX, Michel. (1990). Lecture et mémoire: projet de recherche. Em: *L' inquiétude du discours. Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier*. Paris: Éditions des Cendres. pp.285-293.
- _____. (1997). A Análise do Discurso: três épocas (1983). Em: Gadet, F., e Hak, T. (comp.), op. cit. pp. 163-252.

PÊCHEUX, M., e Fuchs, C. (1997). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). Em.: Gadet, F., e Hak, T. (comp.), op. cit. pp. 163-252.

SERRANI, Silvana. (2001). Resonancias discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura. *D.E.L.T.A.*, 17:1. pp. 31-58.